

MARIA CRISTINA ELIA ZIVIANI*

AURORA DE SANGUE

RESUMO

Interrogação sobre o aspecto revolucionário do teatro de Jean Giraudoux, em especial na peça **Electre**, através do estudo do significante "luz" e do valor simbólico da "aurora" na obra desse autor.

RÉSUMÉ:

Interrogation sur l'aspect révolutionnaire du théâtre de Jean Giraudoux, surtout dans sa pièce **Electre**, par le biais de l'étude du signifiant "lumière" et de la valeur symbolique de l'aurore dans l'oeuvre de cet auteur.

* Professor Adjunto II da Faculdade de Letras/UFRJ, Mestre em Língua e Literatura Francesa pela mesma Universidade e está concluindo seu Doutorado, fase de redação de tese.

LA FEMME NARSÈS. Comment cela s'appelle-t-il, quand le jour se lève, comme aujourd'hui, et que tout est gâché, que tout est saccagé, et que l'air pourtant se respire, et qu'on a tout perdu, que la ville brûle, que les innocents s'entre-tuent, mais que les coupables agonisent, dans un coin du jour qui se lève?

ELECTRE. Demande au mendiant. Il le sait.

LE MENDIANT. Cela a un très beau nom, femme Narsès. Cela s'appelle l'aurore. (**Electre**, II, 10)

Uma característica marcante do teatro francês do século XX, no período do entre-guerras, é o retorno aos mitos antigos, notadamente nas peças de Cocteau (**L'Orphée**, 1927), Giraudoux (**Amphitryon 38**, 1929; **Judith**, 1931; **La Guerre de Troie n'aura pas lieu**, 1935; **Electre**, 1937), Anouilh (**Eurydice**, 1942; **Antigone**, 1943; **Medée**, 1946) e Sartre que estreia no teatro com a peça **Les Mouches**, 1943, nova versão de Electra.¹

Ao escolherem tratar dos mitos antigos, esses escritores promovem sua renovação, colocando em cena as preocupações de seu tempo.² É o que faz Jean Giraudoux, "dramaturge du temps des troubles, de la haine, de la défaite"³, cujo teatro feito de esperança e temor, de consciência e inconsciência, de resistência e resignação⁴, se inscreve no intervalo⁵ entre as duas grandes guerras.

Fugindo à leitura que a crítica tem feito habitualmente de Giraudoux, qualificando-o como "precioso", "essencialista", "ininteligível"⁶ ou reduzindo-o apenas a autor de um teatro da "pureza", da "inocência", do "amor conjugal"⁷, proporemos

uma leitura de **Electre** como uma indagação política e moral numa Europa (1937) dilacerada por uma mal curada guerra, na iminência de outra e palco de uma guerra civil que dividia a Espanha.

Em Giraudoux, a tragédia de Electra transcende a questão do matricídio como vingança de um pai assassinado traiçoeiramente. Todo suspense dessa peça repousa no confronto final entre a heroína que representa a "Justiça Integral", a "Verdade Absoluta"⁸ e Egisto, personagem aqui revalorizado, alçado, após sua "declaração"⁹ de mero comparsa, papel que a tradição mítica lhe infligiu, à posição de estadista. Nisso consiste, sem dúvida alguma, a grande novidade de Giraudoux: trazer à cena mitos e lendas para contestá-los.¹⁰

Enquanto "menagère de la vérité", Electra quer a punição dos culpados pelos crimes que humilham Argos. Por essa razão é temida pelos detentores do poder, como o Presidente do Tribunal que diz ao vê-la: "Ah! mon Dieu, voici Electre. Nous étions si tranquilles!" (I,2)

O Egisto do primeiro ato, ainda mero Regente (usurpador) porque amante da Rainha (Clitemnestra) governa Argos mantendo os deuses afastados dos negócios de Estado pois, segundo sua teoria, os deuses são injustos, inconscientes e agem como "boxeurs aveugles". Administrativamente sua política dá bons resultados, pois Argos prospera e os argivos estão felizes. Para salvaguardar a felicidade de seu povo, Egisto decide neutralizar a única pessoa capaz de despertar os deuses dessa "Inconsciência fulgurante". Essa pessoa é Electra.¹¹

Egisto teme que a maldição dos Atridas, as vinganças que perseguem a família há tantas gerações, se volte contra ele através de Electra. Seu plano então consiste em casá-la com

um jardineiro para desviar a atenção dos deuses da família real.¹² Contudo, antes que o casamento se realize, a "natureza de Electra" se revela em Electra — "se declara"* —, ou seja, a jovem passa a saber (ela antes não sabia) quem são os assassinos de seu pai (Agamémnon), compreende finalmente porque nutre tanto ódio por sua mãe e parte para a vingança, contando com a ajuda do irmão Orestes. Quase que ao mesmo tempo, a "natureza de Rei" também "se declara" em Egisto. Argos se encontra na iminência de uma invasão impiedosa dos coríntios. Egisto, que agora reconhece seus crimes passados, suplica à jovem que o deixe ir para dar combate aos invasores e defender a cidade. Em troca, compromete-se a, após a batalha, submeter-se ao julgamento da "polis" e a restabelecer Orestes no poder:

Electre, demain, au pied de l'autel où nous
fêterons la victoire, le coupable sera là,
car il n'y a qu'un coupable, en vêtement de
parricide. Il avouera publiquement le crime.
Il fixera lui-même son châtiment. Mais laissez-
-moi sauver la ville. (II, 8)

Para Electra a questão principal não é a cidade ser incendiada e arrasada e os argivos agonizarem pois "s'ils sont innocents, ils rennaîtront." (II, 10). Argos, diz ela, é um pequeno burgo no universo. Para ela, o nacionalismo é um valor mesquinho pois acima da pátria estão a dignidade humana, a

* v. nota 9.

justiça e a verdade e um crime que viola esses valores, "infeste un peuple, pourrit sa loyauté" e para tais crimes "il n'est pas de pardon." (II, 8). Segundo Egisto, há verdades que podem destruir um povo, mas Electra replica: "Il est des regards de peuple mort qui pour toujours étincellent" (II, 8). Com o assassinato de seu pai por Clitemnestra e Egisto, a felicidade e a prosperidade de Argos fica ilegítima, pois se fundamenta na injustiça, na covardia, na cumplicidade e na mentira. E a paz não pode ser comprada a esse preço. Para o governante, as razões de Estado estão acima de tudo. Citando as palavras de Jacques Body, Electra atua como "l'avocat des prolétaires, et de tous les pays."¹³ Esse autor vê no confronto entre ela e Egisto a representação do confronto entre "le pouvoir spirituel" e "le pouvoir temporel."¹⁴

Já se tem enxergado na heroína giralduciana uma típica líder revolucionária da modernidade, aliada dos despossuídos, dos doentes e mendigos "contre les nantis des quartiers riches qui prêchent l'union sacrée au nom du patriotisme."¹⁵ Electra se julga chamada a procurar e a expulsar os causadores da desordem cujos atos danosos ainda pesam sobre os destinos individuais e coletivos. Dizer-se que Giraudoux é um marxista seria um excesso e uma impropriedade. A palavra "revolução" não é pronunciada na peça, como já observou Alain Duneau, mas sim a palavra "émeute" que exprime antes a insurreição da verdade e da consciência. Ainda segundo Duneau, as considerações de Electra se situam no plano filosófico e não no da ação, ainda que a busca obsessiva de Justiça da heroína permita associá-la ao "Front Populaire" de 1935¹⁶ e que, por sua intransigência, seu respeito aos princípios e seu desprezo pelas

contingências, ela anuncie o espírito que animou a Resistência.¹⁷

Se Egisto prega a aceitação, Electra prega a revolta. Na penúltima cena, a mulher Narsês — personagem não-mítico introduzido por Giraudoux — surge acompanhada por mendigos, enfermos, cegos e coxos, alegoria do povo oprimido, para salvar Electra, ou seja, para apoiá-la no caminho da justiça.

LA FEMME NARSËS. Nous arrivons, tous les mendiants, pour sauver Electre et son frère, les infirmes, les aveugles, les boiteux.

LE MENDIANT. La justice, quoi.

Este é o duelo moral protagonizado por Electra e Egisto, minutos antes que a fatalidade mítica se consuma e que Orestes, impulsionado pela irmã, vingue Agamemnon matando sua mãe Clitemnestra e Egisto. Com o duplo assassinato, a cidade, privada de seu chefe, é arrasada e saqueada.

Habitualmente Giraudoux deixa em aberto a conclusão de suas obras. A última cena da tragédia, bastante curta e expressiva, é a vitória (?) de Electra. O dia amanhece e a destruição de Argos é iluminada pela luz de uma esplêndida aurora. Antes de concluirmos nosso breve estudo, cabe fazer algumas considerações sobre o significante **luz** (e suas variações) nesse texto e procurar destacar o valor da **aurora** não apenas aqui mas no conjunto da obra de Giraudoux.

Começemos pelo nome de Electra que vem do grego **elektron** e significa âmbar amarelo, fluido hipotético a que se atribui a produção de fenômenos elétricos. Electra poderia significar

"a luminosa". O investimento semântico do significante **luz** na peça vai muito além da significação do nome da heroína, que é, sem dúvida alguma, o ponto de partida.¹⁸

Ligam-se à luz que emana da Electra a verdade, a justiça, o renascimento (pela aurora), a vida, o brilho, mas também o sangue, o fogo, a destruição. "C'est la lueur qui manouait à Electre. Avec le jour et la vérité, l'incendie lui en fait trois." (II, 10)

Num paralelismo evidente, a abertura do segundo ato (madrugada) e o epílogo (amanhecer) apontam exaustivamente na direção desse significante. "Je parle du jour.", diz o Mendigo; "Je parle de la lumière.", diz Electra. Para o Mendigo, o dia traz consigo a revelação dos culpados:

Cela ne va pas te suffire que les visages des menteurs soient éclatants de soleil? Que les adultères et les assassins se meuvent dans l'azur? C'est cela de jour.

Para Electra é mais que isso, é a destruição dos ímpios:

Je veux que leur visage soit noir en plein midi, leurs mains rouges. C'est cela la lumière. Je veux que leurs yeux soient cariés, leur bouche pestilentielle. (II, 1)

A destruição não é um mal em si, segundo a heroína: "La pourriture née du soleil, je l'accepte." (II, 4)

O Mendigo, adjuvante de Electra, é uma espécie de divindade na versão giralduciana. Ele estimula Electra para que

faça coincidir seu ato supremo (desmascaramento e morte dos culpados) com a luz matinal: "... à ta place, puisque tu as le choix, je m'arrangerais pour que ce matin le jour et la verité prennent leur départ en même temps." (II, 1)

A "declaração" de Electra, tema-chave da peça como já destacamos acima, ocorre pela madrugada e a de Egisto também.

ELECTRA. C'est là justement le cadeau de la nuit. Elle a rejeté ces vérités sur son rivage. Je saurai désormais comment font les devineresses. Elles pressent toute la nuit leur frère endormi contre leur coeur. (II, 3)

EGISTO. Pour toujours j'ai reçu ce matin ma ville comme une mere son enfant.(II,7)

É o (novo) Rei quem reconhece que Deus é pródigo, pela manhã, em seus presentes. Egisto que esperava um diamante, recebeu um sol: "C'eût été pour moi le désespoir de celui qui, pour sa fête, attend un diamant et auquel on donne le soleil." (II, 7)

O estudo do tema da aurora já tem despertado inúmeras vezes o interesse dos que pesquisam a obra de Giraudoux. A aurora e seu desdobramento no tema do recomeçar, do renascimento.¹⁹ Mesmo quando não se trata de um artigo ou de um capítulo inteiro dedicado ao assunto, os comentaristas normalmente não negligenciam este tema. O artigo de Yves-Alain Favre, por exemplo, aproxima-o da própria estrutura da tragédia que, ao terminar em catástrofe, arrasta o herói para a desgraça. Em Giraudoux, diz Favre, é diferente, cada final

de uma peça "inaugure une situation nouvelle et annonce un monde très différent du précédent."²⁰ Esta interpretação aplica-se à **Judith, Sodome et Gomorrhe, Intermezzo** para citar apenas algumas de suas peças.

Está claro em Giraudoux o valor ambíguo da aurora como, aliás, é ambígua sua própria linguagem. Jacques Body comenta, citando o trabalho de Claude-Edmonde Magny (**Précieux Giraudoux**, 1945): "sous le vocable de **précieux** elle faisait de Giraudoux le héros d'une rhétorique de l'ambiguïté".²¹ Do otimismo e da leveza de **Amphitryon 38** ao apocalipse de **Sodome et Gomorrhe** (1943) passando por **Judith, La Guerre de Troie ...**, **Electre** e **Ondine** (1939), observa-se sem dificuldade uma progressiva evolução na direção do pessimismo que corresponde ao aumento da tensão política na Europa e à conseqüente falência de uma visão de mundo.

É ainda Favre quem observa que Giraudoux, pela linguagem, procura atingir um mundo onde as palavras e as coisas estejam em perfeita simbiose, "monde pur et limpide, sans équivoque ni ambiguïté, monde où l'evidence des concepts ne fait qu'un avec celle des réalités."²² A própria linguagem é objeto da obra de Giraudoux indo desaguar no tema da aurora.

A ação dramática de **Electra** é pontuada pela passagem da noite para o dia. A heroína evolui da ignorância dos fatos que levaram ao assassinato de seu pai ao conhecimento das circunstâncias e dos culpados, no decurso de uma noite. É ao amanhecer que tudo se esclarece: "Que tout devient clair à la lampe d'Agathe."²³

Se a aurora é um momento luminoso de um des-velar, de um

renascimento, ela pode também trazer revelações cruéis e dolorosas.²⁴ A aurora de Judith está bem longe da transparência lustral. Se para a jovem é o início de uma nova vida, ela deverá, entretanto, sacrificar a verdade em favor da simulação do jogo de poder.

C'est bien l'aube ... Ce bourrelet de sang sur l'horizon, (...) Le ciel plein de pus et d'or, l'homme et l'épée de rouille et de menace, Judith d'opprobe et de bonheur ... L'aurore, comme ils disent ... (III, 2)

A controvertida aurora apocalíptica de Electra que discute a eterna questão de se preferir a verdade a qualquer preço ou a mentira que evita a destruição, provocou reações variadas da crítica. Maurice Martin du Gard prefere a primeira à segunda: "Qu'importe puisque le feu purificateur annonce les temps nouveaux!" Já Debidour, vinte anos depois, dirá: "Dieu nous préserve de l'aurore d'Electre!"²⁵

Ao comentar o já célebre artigo de Sartre sobre Giraudoux,²⁶ Jacques Body critica aquele filósofo por ter tomado a "aurora de Electra" como "l'éternel matin" dos começos absolutos "au lieu de la rapprocher de l'heure ambiguë qui termine les nuits blanches."²⁷

Se essa aurora é sangrenta, insurrecional, se acarreta a morte de inocentes e a destruição da cidade, ela tem, ao menos, como diz o Mendigo, um belo nome.

NOTAS

1. Cf. ALBOUY, p. 126-131.
2. Sobre a modernidade dos mitos em Giraudoux, Anouilh e Sartre, cf. artigo "Mythologie et Mithe au théâtre" de C. DELMAS (v. bibl.).
3. Yves MORAUD, 1976, p. 69.
4. Idem, p. 69.
5. "Intermezzo" é o título de uma de suas peças, comédia, montada pela primeira vez em 1933, Paris.
6. A respeito da reação da crítica especializada diante da obra de Giraudoux, cf. o interessante artigo de Jules Brody "Jean Giraudoux et la Modernité du Roman".v.bibl.
7. Sobre o papel desses temas, cf. excelente ensaio de DEBIDOUR. Há também um volume publicado pela UFRJ, **Teatro Francês do Século XX** que servê de introdução a esse assunto. Para ambos, v. bibl.
8. Encontram-se no texto da peça as seguintes qualificações para Electra: "Vérité sans résidu", "lampe sans mazout", "lumière sans mèche", "managère de la vérité", "femme à histoires", "redresseurs de torts".
9. Na peça, "se déclarer" exprime que um ser está em conformidade com sua natureza. O personagem "se declara" quando ele se revela tal como ele é. Apenas Electra e Egisto "se declaram". Em francês, esse verbo tem também um valor cinegético: um cão se declara quando "pour la première fois (...) il part à la poursuite du gibier." (FAVRE, 1977)
10. Cf. MORAUD, 1983, p. 27.
11. "Quoi qu'il en soit, il est hors de doute que la règle première de tout chef d'un état est de veiller féroce-ment à ce que les dieux ne soient point secoués de cette

léthargie et de limiter leurs dégâts à leurs réactions de dormeurs, ronflement ou tonnerre." (I, 3)

12. Aproximação com o texto homólogo de Eurípedes no qual, ao se iniciar a peça, a heroína já está casada com um lavrador e não habita mais no palácio.
13. Cf. edição de **Electre**, "Le livre de poche", p. 145.
14. Idem.
15. DELMAS, op. cit., p. 18.
16. Coalizão de partidos de esquerda que ascendem ao poder na França em 1936. Essa coalizão se originou da crise econômica mundial que afetou a França, da conjuntura política europeia com a escalada do fascismo na Itália e do nazismo na Alemanha e também para enfrentar a criação de ligas de extrema direita.
17. Cf. DUNEAU, 1978. p. 56-57. Veja-se também, do mesmo autor, estudo estilístico "La tirade d'Electre", 1975.
18. O nome dito, pronunciado, se reveste frequentemente de efeitos mágicos, como um encantamento, na obra de Giraudoux. A cena do reconhecimento entre irmão e irmã em **Electre** dá-se pela revelação do nome de Orestes: "Je vais te dire un mot et tu vas revenir vers moi, toute douce. (...) Un seul mot et tu vas sangloter dans mes bras. Un seul mot, mon nom ..." (I, 6) Alcmena procura o adjetivo correto para qualificar uma noite: "Tu es faible, ce matin, dans tes épithètes, chéri." (**Amph.** II, 2), ou se inquieta com a palavra **amante**, "J'ai peur, Jupiter, tant de choses sont troublées tout à coup en moi par ce seul mot!" (III, 5). Inúmeros outros exemplos podem ser colhidos no conjunto de sua obra.
19. Jacques ROBICHEZ, ao falar do tema da criação, registra que o despertar, ou o sono de alguém contemplado por outro, é uma situação recorrente no teatro de Giraudoux. Cf. **Electre**, (II, 1), o despertar de Orestes.

20. FAVRE, op. cit. p. 252.
21. BODY, 1977, p. 56.
22. FAVRE, op. cit. p. 258.
23. Variante nos manuscritos de Giraudoux: "Que tout devient clair au soleil de la haine." **Théâtre Complet, Pléiade**, p. 1584.
24. "Le bourreau n'est exact qu'à l'aurore." (**Intermezzo**, II, 2); "O Jean, endors-toi ce soir dans mes bras, et recommençons la vie par un réveil ..." (S.G., II, 8); diante do fim do mundo, ouve-se a voz de Jean "em **off**": "Pardon, ciel! Quelle nuit!" e Lia responde: "Merci, ciel! Quelle aurore!" (S.G.II, 8)
25. Comentários da ed. "Pléiade", **Théâtre complet**, p.1553.
26. Artigo publicado em Situation I, v. bibl.
27. BODY, 1977, p. 56.

BIBLIOGRAFIA

1. ALBOUY, Pierre. **Mythes et mythologies dans la littérature française**. Paris, Armand Colin, 1969.
2. BODY, Jacques. Commentaires. In: GIRAUDOUX, Jean. **Electre**. Paris, Le livre de poche, 1987.
3. ———. Giraudoux vu par Sartre. **Oeuvres et critiques**. Printemps, 1977, II, 1, pp. 51-58.
4. BRODY, Jules. Giraudoux et la modernité du roman. **Cahiers Jean Giraudoux, 12**. Paris, Grasset, 1983. pp. 73-85.
5. DEBIDOUR; V-H. **Jean Giraudoux**. Paris, Editions Universitaires, 1958.

6. DELMAS, Christian. Mythologie et mythe au théâtre. **Bulletin de l'association des Professeurs de Lettres**, 12, déc. 1979.
7. DUNEAU, Alain. La tirade d'Electre. **L'Information Littéraire**, n° 5, nov-déc. 1975. pp. 234-241.
8. ———. Le pouvoir d'Electre. **Cahiers Jean Giraudoux** 7. Paris, Grasset, 1978. pp. 47-62.
9. FAVRE, Yves-Alain. Le thème de l'aurore dans le théâtre de Giraudoux. **Travaux de linguistique et de littérature de l'Université de Strasbourg**. XV, 2, 1977. pp. 251-262.
10. GIRAUDOUX, Jean. **Electre**. Paris, Grasset, 1937.
11. MORTARA, Marcella. **Teatro Francês do Século XX**. Volume editado pela UFRJ.
12. MORAUD, Yves. Giraudoux et l'Histoire. **L'information Littéraire**. n° 2, mars-avril 1976. pp. 69-77.
13. ———. Giraudoux et notre interrogation sur se pouvoir, Le sens et le discours. **Cahiers Jean Giraudoux** 12. Paris, Grasset. 1983. pp. 20-37.
14. ROBICHEZ, Jacques. **Le théâtre de Giraudoux**. Paris, Société d'éditions d'enseignement supérieur, 1976.
15. SARTRE, Jean-Paul M. Jean Giraudoux et la philosophie Aristote. **Situations I**. Paris, Gallimard, 1947. 82-98.